

NOSS, David S. GRANGAARD, Blake R. **História das religiões mundiais**. Traduzido por Andre Szczawlinska Muceniecks. Petrópolis: Vozes, 2023, 837 p. (A History of World's Religions). ISBN: 978-65-571-3282-2

Carlos Ribeiro Caldas Filho *

O estudo acadêmico, “científico”, da religião (ou das religiões) enquanto fenômeno humano é recente: data apenas da segunda metade do século XIX. Informa-nos Mircea Eliade no prefácio do seu *O sagrado e o profano* que “a primeira cátedra universitária de história das religiões foi criada em Genebra no ano de 1873” (p. 5), ou seja, há exatos 150 anos. E em seus primórdios a *Religionswissenschaft* ocupou-se basicamente em estudos e pesquisas (descritivas e analíticas) da história das religiões. Mas a curiosidade humana em saber a respeito de detalhes da religião “do outro” é antiga, talvez, tão antiga quanto a própria humanidade. O mesmo Eliade apresenta dados interessantíssimos de como na antiguidade clássica já havia apresentações e descrições de tradições religiosas alienígenas, citando, entre outros, Heródoto (484-425 a. C.), que descreveu para os seus patrícios gregos as religiões do Egito, da Pérsia, da Trácia e da Cítia, Teofrasto, sucessor de Aristóteles na direção do Liceu, que segundo uma informação dada por Diógenes Laércio, escreveu uma “história das religiões” em seis volumes, Beroso, contemporâneo de Alexandre Magno da Macedônia, que escreveu *Babyloniká* (apresentação da religião da civilização babilônica), Megastene, que escreveu *Indiká* (apresentação da religião dos indianos), e Hecateu de Abdera, autor de *Aigyptiaká* (apresentação da

Resenha recebida em 14 de junho de 2023 e aprovado em 27 de dezembro de 2023.

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. Brasil. E-mail: rcaldas2009@hotmail.com.

religião egípcia). Eliade traz outros exemplos de historiadores antigos das religiões antigas, mas os aqui apresentados são suficientes para comprovar a afirmação que o estudo da história das religiões há muito provoca a curiosidade humana. Com certeza não eram apenas os gregos antigos que queriam saber a respeito das crenças e práticas religiosas de indianos, babilônios, egípcios e persas. Não será de modo algum exagero afirmar que, no que diz respeito à religião, todos querem saber a respeito de todos. Não é mera coincidência que, para mais uma vez citar Eliade, muitos periódicos acadêmicos dedicados à história das religiões tenham sido organizados em muitas universidades europeias desde as últimas décadas do XIX.

Muita coisa mudou desde então no estudo das religiões. E notícia alvissareira para curiosos e pesquisadores do tema é a publicação em 2023 do alentado volume *História das Religiões Mundiais* (837 páginas), pela Editora Vozes. Os autores, David Noss (falecido em 2010) e Blake Grangaard foram docentes da cadeira de *Religious Studies* da Heidelberg University em Ohio, nos Estados Unidos (na verdade, Grangaard ainda está na ativa) – que não deve ser confundida com a homônima mais antiga da Alemanha, a *Universität Heidelberg*.

A obra de Noss e Grangaard traz uma riqueza impressionante de informações. Está dividida em quatro partes: (1) Algumas religiões primais e antigas (p. 17-112), (2) As religiões do sul da Ásia (p. 113-330), (3) As religiões do leste da Ásia (p. 331-466) e (4) As religiões do Oriente Médio (p. 467-789). Complementam o volume um mapa-múndi no qual se apresentam as grandes tradições religiosas, um prefácio curto (apenas uma página, o que é inusitado, considerando-se a grandiosidade do projeto), no qual os autores mais fazem agradecimentos aos apoiadores da empreitada que tecer considerações teóricas a respeito do tema “religião”, uma linha do tempo, que inicia em 2500 a. C. e vem até os nossos dias, e um índice analítico, ao final da obra, o que facilita enormemente a tarefa de pesquisadores que precisam localizar informações sobre um ponto específico referente a esta ou aquela tradição religiosa. Cada uma destas partes começa com uma seção breve intitulada “Fatos resumidos”, em que há pontos nos quais se destacam os elementos principais do que virá a seguir, e termina com um glossário explicativo dos termos técnicos específicos da tradição

religiosa apresentada, e duas listas, uma, de leituras sugeridas para aprofundamento e pesquisas posteriores, e outra, das referências utilizadas para a escrita da apresentação daquela tradição. Como se vê, a obra é muito didática. Todavia, antes de prosseguir, uma crítica, não ao conteúdo em si, mas à edição brasileira: facilitaria a visualização do mencionado mapa-múndi se as tradições religiosas tivessem sido apresentadas com cores diferentes (na obra, estão apresentadas em tons diferentes de branco, preto e cinza). Talvez a opção da editora por não utilizar cores diferentes tenha sido para baratear os custos de impressão do volume. A questão dos custos de produção e posterior venda ao consumidor final é problema virtualmente incontornável: é compreensível que volume tão grande não seja barato, mas o preço praticado pela editora o torna praticamente inacessível a estudantes de graduação, por exemplo. Pelo preço que está sendo vendido, o volume será adquirido apenas por bibliotecas de instituições de ensino superior. Eis aí um dilema (quase) impossível de ser resolvido.

Mas voltando à resenha propriamente, o volume de Noss e Grangaard em sua primeira parte – “Religiões primais e antigas” – apresenta considerações sobre como teria sido a religião nas culturas pré-históricas (como teria sido, pois a respeito de culturas que viveram há dezenas e dezenas de milhares de anos e que não dispunham da escrita só se pode hipotetizar, a partir de achados que são estudados por arqueólogos) e no momento seguinte, como estudo de caso, apresentam-se exemplos de três povos primordiais, de três continentes, a saber, os Dieri (aborígenes australianos), os BaVenda, da África do Sul, e os Cherokees (indígenas da América do Norte). A seguir, apresentam-se algumas religiões extintas, quais sejam, a mesopotâmica, a grega, a romana, a celta, a nórdica e a maia. Mais uma vez observa-se a preocupação da dupla de autores em apresentar tradições religiosas a partir de perspectivas históricas e geográficas, pois as tradições religiosas extintas mencionadas são do Oriente Médio, da Europa e das Américas. A segunda parte do livro, que trata das religiões do sul da Ásia, apresenta o hinduísmo (antigo e posterior), o jainismo, o budismo (distinguindo o mahayana, o tibetano e o zen) e o sikhismo. A parte três por sua vez apresenta as tradições religiosas do leste da Ásia: daoismo (a tendência recente no Brasil tem sido utilizar a forma *dao*, ao invés de *tao*, que aparece em publicações

antigas), confucionismo e shintô (a edição brasileira optou pela grafia com influência anglicizante, com *sh*, e não pela forma corrente na literatura técnica em português, que prefere grafar com *x* – xintoísmo e/ou xintô) e por fim, as religiões do Oriente Médio, abordando zoroastrianismo, judaísmo (desde os tempos bíblicos, passando pela Idade Média e chegando aos nossos dias), cristianismo (desde seus primeiros dias, no tempo de Jesus, e diferenciando catolicismo romano, ortodoxia oriental e protestantismo) e islamismo.

A obra é inegavelmente rica e útil para pesquisadores e estudiosos da religião (ou das religiões). Todavia, como diz um dos poemas sagrados dos antigos hebreus, “toda perfeição tem seu limite” (Sl 119.96): talvez o principal problema dessa obra, inegavelmente alentada e detalhada, esteja nas suas lacunas, isto é, aquilo que a obra não traz. Não há nada no livro sobre tradições religiosas ameríndias e nem sobre as de matriz africana. Por que não? Seria pelo fato de serem tradições de povos ágrafos? Esta hipótese não se sustenta, porque, como anteriormente afirmado, o livro traz informações sobre como teriam sido as tradições religiosas de culturas ditas pré-históricas. Estas culturas também eram ágrafas. Ou os autores não teriam considerado as tradições de povos ameríndios e africanos como “dignas” de serem apresentadas em seu volume? Deixando especulações de lado, é de se lamentar haja estes pontos cegos no volume de Noss e Grangaard. Também não há nada sobre o que os sociólogos da religião chamam de NMR, Novos Movimentos Religiosos. Há considerações teóricas, especialmente na primeira parte, mas estas são concisas, não aprofundam os temas apresentados. Considerando que a obra sempre apresenta indicações para pesquisas e leituras posteriores, é razoável admitir que esta tenha sido a intenção original, se não dos autores, mas certamente dos editores: um livro que traz informações rápidas para leitores apressados. Se foi este o caso, como parece ter sido, eis aí vantagem e desvantagem. A vantagem é o fato da obra fornecer dados, especialmente históricos, sobre grande número de tradições religiosas. A desvantagem, tal como afirmado, é não aprofundar os temas tratados. Mas no geral, o saldo é positivo, especialmente se levar-se em consideração o contexto brasileiro, onde ainda são poucos os cursos de graduação em ciências da religião. Para graduandos o livro certamente será útil por demais. Mas também será de grande valia para pós-graduandos e pesquisadores *seniors*.